

A questão da alteridade na obra *Ser e tempo* de Martin Heidegger

Manuela Saadeh. Universidade Federal de Lavras (Minas Gerais, Brasil)

Recibido 13/11/2025 • Aceptado 30/08/2026

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-3707-1921>>

Resumo

Este artigo se configura como uma breve exegese do quarto capítulo da primeira seção da obra *Ser e tempo* do filósofo Martin Heidegger, o qual aborda a questão de como é que o Ser do *Dasein* é constituído pela estrutura da coexistência essencialmente enquanto *Ser-com* [*Mit-Sein*]. Até então na obra, Heidegger apresentou e estruturou a problemática do Ser a partir da ocupação, a partir do *Ser-junto ao ente intramundano encontrado*, e isto porque esse momento fenomenal da estrutura *Dasein* enquanto compreensão do Ser é o que se manifesta mais visivelmente na cotidianidade. Tal procedimento hermenêutico visa empreender um caminho de aprofundamento da questão indo sempre do mais claro à compreensão até os lugares mais obscuros e difíceis de serem mirados (até a invisibilidade própria da estrutura), pois que constituem a totalidade da forma do Ser deste ente, cuja absoluta imediatidade faz com que sua estrutura seja apenas sempre constantemente experimentada (fenomenalmente), mas quase nunca tematicamente. Agora é pensado precisamente o que seja essa estrutura a partir do existencial *Ser-com*, uma vez que ao *Ser-com* pertence tanto a lida com o ente intramundano, quanto a coexistência (com outro *Dasein*).

Palabras clave: Martin Heidegger, hermenêutica, fenomenologia, alteridade, ontologia.

Abstract

The question of alterity in Martin Heidegger's *Being and time*

This article is a brief exegesis of the fourth chapter of the first section of Martin Heidegger's work, *Being and time*, which addresses the question of how the Being of *Dasein* is constituted by the structure of coexistence essentially as *Being-with* [*Mit-Sein*]. Up to this point in the work, Heidegger has presented and structured the problem of Being from the perspective of occupation, from the *Being-together* with the intramundane entity encountered, because this phenomenal moment of the *Dasein* structure as an understanding of Being is what manifests itself most visibly in everyday life. This hermeneutical procedure aims to undertake a path of deepening the question, always going from the clearest understanding to the most obscure and difficult places to be seen (even to the invisibility inherent in the structure), since these constitute the totality of the form of the Being of this entity, whose absolute immediacy means that its structure is only constantly experienced (phenomenally), but almost never thematically. Now, the question is precisely what this structure might be, starting from the existential *Being-with*, since *Being-with* encompasses both the engagement with the intramundane entity and coexistence (with another *Dasein*).

Keywords: Martin Heidegger, hermeneutics, phenomenology, alterity, ontology.

A questão da alteridade na obra *Ser e tempo* de Martin Heidegger

Manuela Saadeh. Universidade Federal de Lavras (Minas Gerais, Brasil)

Recibido 13/11/2025 • Aceptado 30/08/2026

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-3707-1921>>

§ 1. Introdução: o *Ser-com* do *Dasein*

Heidegger começa abordando o momento estrutural Mesmo [*das Selbst*] do *Dasein*, como a reiteração temporal da compreensão sobre si própria configurando um mesmo; e esclarece que aqui está toda base para a orientação da coexistência do *Dasein*, isto é, do *Ser-com*. Ou seja, tal momento da estrutura se configura como a reiteração de um mesmo *Dasein* enquanto tempo, do *Dasein* que eu mesmo sou. E o impessoal [*das Man*] mostra como é que no existir cotidiano, precisamente este Mesmo reiterado do *Dasein* não consegue se desdobrar propriamente. Imediata e regularmente o *Dasein* (porque tem o Mundo de sentido —a linguagem— como um caráter do seu próprio Ser) apreende pré-tematicamente (pré-ontologicamente) este seu *quem* como uma *ipsiedade* determinada pelo outro, isto é, pelo Mundo impessoal, pela significação impessoal acerca da totalidade do ente. E o «eu» faz parte dessa modificação existenciária da *ipsiedade* estrutural (existencial), posto que o *Dasein* tem (a reiteração temporal do) seu (si-)Mesmo apreendido de imediato através desta perspectiva subsistente dada pelo imediato Mundo da lida. O *Dasein* não é um eu subsistente incondicionado, atemporal e sem Mundo que se junta a outras subsistências; mas é ele mesmo constituído da coexistência e não o contrário, de modo que a coexistência precede a existência, haja visto que *Dasein* é Mundo de sentido antes de ser um «eu» próprio ou impróprio. Contudo, o *Dasein* não se percebe como *junto-com*, mas pensa que há primeiro este seu «eu» subsistente já dado, que depois de ser, é-com os outros entes. Imediatamente se concebendo enquanto uma subsistência, o *Dasein* não concebe este seu «eu» inteiramente fundando desde a lida com outrém, portanto desde o *Ser-com* com o outro e o *Ser-junto*, pensando que o eu já está fundado e, a partir dele, é que uma coexistência pode se dar. No entanto, só posso ser este (eu) Mesmo reiterado do meu Ser *junto* e

com, enquanto ocupação [*Besorge*] e assistência [*Fürsorge*] (enquanto cura [*Sorge*]); isto quer dizer que, por ser estrutural e absolutamente ocupação e assistência *por-ser* a todo momento —por conta da não-subsistência estrutural do *Dasein*—, enquanto ocupada com o ente que não tem a forma do meu Ser e com o ente que a tem, estou sempre ao mesmo tempo, ocupada e assistindo meu próprio Ser. Heidegger então ensina com isso que neste modo privativo do desdobramento do Ser do *Dasein* como impessoal (a partir de um eu subsistente que coexiste, desde o qual ele permanece desapropriado de si pois apropriado ao Mundo de sentido impessoal), há um Mesmo se dando, mas não o Mesmo no sentido do próprio —é o mesmo do outro, é o mesmo do público: da publicidade. Já que somos um fenômeno de compreensão do Ser e consequentemente de linguagem, nossa linguagem e o que somos é totalmente determinado imediata e regularmente pela significação pública e impessoal acerca do ente na totalidade respectivamente de nós mesmos.

No §9 de *Ser e tempo*, para justificar como o *Dasein* se comprova enquanto compreensão do Ser foi mostrado que a primeira compreensão que ele tem é a do «sendo» dele mesmo. Aqui a questão do (si-)Mesmo já está visada do ponto de vista de uma constância, isto é, de uma permanência do Mesmo do *Dasein*. Este fato do Ser ser sempre o meu e não o outro, se dá sempre em uma constância devido à estrutura temporal da compreensão (a projeção existencial sobre a significação histórico-circunscrita interior a um Mundo de sentido), onde este não-outro não é simplesmente para o eu se diferenciar, mas para garantir continuamente que esse meu eu se mantenha (uma vez que ele não é uma subsistência dada e encerrada, mas é porquanto esteja *sendo*, enquanto puro *por-ser*). Assim, essa diferenciação é visada no sentido de confirmar uma permanência, uma permanente reiteração de um Mesmo, e não no sentido apenas de se distinguir do outro. Mas o *quem* do *Dasein*, cujo Ser Heidegger questiona, sempre imediatamente o *Dasein* já o compreende enquanto uma subsistência, porque sempre se compreende de partida pelo ente do Mundo, sempre já permanente numa região fechada do ente e para ele: «De antemão, o *Dasein* é concebido implicitamente enquanto subsistente» (Heidegger, 1993: 108). Heidegger então se pergunta acerca da possibilidade deste *quem* do *Dasein* ter seu Ser compreendido somente a partir da orientação de um Mesmo permanente (daqui somente, é que a substancialidade pode ter sido historicamente um guia ontológico).

É na verificação da cotidianidade do *Dasein* que Heidegger compreende o motivo pelo qual dá-se a questão da *mesmidade* no modo da impropriedade, no modo como foi colocada pela tradição, pensada sempre implicitamente a partir da subsistência. A questão do *quem* quer mostrar se o «(eu-)mesmo» é próprio ou se esse *quem* é mera e abundantemente determinado pelo outro, pelo Mundo de sentido impessoal.

A zona fenomenal da estrutura *Dasein* precisa então ser trazida à vista para que possa ser destituída da compreensão da sua *mesmidade* pela subsistência (eu-sujeito) e mostrar que essa determinação não bastaria para delimitar a facticidade do *Dasein*. Alguns autores tentam compreender tal facticidade:

A estrutura do *Mitsein* em Heidegger marca, sem dúvida, um avanço fundamental ao retirar o sujeito da sua solitude cartesiana. Todavia, em *Ser e Tempo*, a alteridade permanece subordinada à questão ontológica principal: o sentido do Ser. O Outro aparece como um momento da própria constituição do *Dasein*, e não como uma alteridade radical que desafia, convoca e constitui eticamente a ipseidade a partir de fora. [Ricoeur, 1991: 382]

A pergunta que se impõe é: como então, se forma o *eu*? Como se forma a ideia de um sujeito que se dá na cotidianidade e como é essa determinação? Ela se forma desde a verificação de que eu sou sempre uma constância em referência à multiplicidade e à mudança do «Mundo» (enquanto somatório de subsistências), no sentido de que o permanente, pensado como a subsistência encerrada em si, é o *eu* «interior» e o «exterior», o que muda. Heidegger então faz ver que a mera constatação do permanente do *eu* não poderia bastar como determinação ontológica para o *Dasein*. O *Dasein* não é aqui a interioridade da «minha pessoa», embora historicamente inclua esta determinação, mas quer dizer somente que este permanente *dar-se* reiterado de um (si-)Mesmo é sempre meu e não o do outro, apesar de a estrutura *outrem* me constituir enquanto Mundo de sentido. Para cada *Dasein* «a pessoa» (algo de caráter subsistente) é uma estrutura derivada; é a estrutura da existência que é sempre a minha e não a pessoa.

A ideia de um sujeito se funda precisamente a partir da permanente reiteração deste Mesmo do *Dasein* que se vê sempre presente por respeito ao que é mutante. Contudo, anteriormente a isto, dá-se o fato do meu Ser (da minha estrutura) se reiterar e permanecer se reiterando, o que possibilita a ideia tanto de uma mutação, quanto de

uma permanência ou de um sujeito. E é neste âmbito de problema que se abre a questão da propriedade e da impropriedade, posto que este eu que tantas vezes o Dasein repete em alto e bom tom é, na verdade, sempre o outro, pois determinado pela impessoalidade da significação imediata intramundana.

Cada qual é o outro e ninguém é ele mesmo. O *impessoal* com o qual se responde a questão acerca do *Quem* do Dasein cotidiano é o *ninguém*, ao qual se tem entregue todo Dasein no *ser-entre-os-outros*. [Heidegger, 1993: 112]

A reiteração do Mesmo do Dasein na compreensão enquanto um *eu* se dá necessariamente, mas ela é uma ocorrência ôntica (fática) e não o fundamento ontológico do Dasein, ela é um fato do Dasein, já que o Dasein ele mesmo (sua estrutura ontológico-temporal) é primeiramente a pura reiteração temporal de um Mesmo no Mundo, no sentido (cf. *Sein und Zeit*: 114s.). Isto quer dizer que o fato de sempre o Dasein se perceber um Mesmo enquanto isso ou aquilo, *à-mão* ou subsistente, já é uma consequência, sempre já uma derivação da reiteração temporal da estrutura de possível que é o Dasein enquanto projeção (futuro) sobre as possibilidades (*sido*) em vista de um *poder-ser* [*zeinkönnen*] fático (em vista do presente).

O «eu» é compreendido, tradicionalmente, como um dado idêntico a si mesmo, reiterado enquanto o igual por respeito ao mutante; ele é pensado como o que não se confunde com o outro ou com o «Mundo» (a natureza) —tese segundo a qual pode-se pensar a determinação do sujeito pela liberdade frente a este mesmo «Mundo» (Kant). Heidegger esclarece que o pensamento vem historicamente compreendendo este *quem* enquanto a própria consciência do sujeito de si; daí o *eu* entrar sempre já subjacente e absoluto (isto é, inquestionado) a qualquer filosofia como *subjectum* ele mesmo. Heidegger acentua aqui, que mesmo quando posteriormente a filosofia rejeitou a substancialidade da alma ou a objetividade do sujeito, a questão da subsistência pensada sempre implicitamente para este *subjectum* não foi nem de longe tocada¹. O

¹ Para elucidar um pouco mais este problema, ainda no §64 de *Ser e tempo*, Heidegger explica este caráter do «eu» como foi compreendido na tradição: eu e não outro, eu incondicional, eu não submetido a nenhuma condição além de si próprio, portanto, eu sem Mundo. Digo «eu» a partir da minha experiência da diferença, por exemplo, desta árvore a minha frente, enquanto um eu por distinção a todo resto do «Mundo». Mas para Heidegger, esta ideia, porque não comporta o problema da constituição da *ipsidade* a partir da lida, faz com que tal problemática acabe por cair sempre na ideia de

dado do eu permaneceu inquestionável. O problema do Mesmo continuou sempre a ser pensado nos termos da reiteração de uma subsistência no tempo (eu), isto é, da consciência temporal de si. E a substancialidade enquanto guia ontológico surge precisamente a partir deste caráter de subsistência subjacente, a qual tem o caráter do imutável do permanente. A subsistência é «algo» unitário e simples (desde sempre indeterminado em seu Ser) que não é posto por nada, que não deriva de nada —deriva-se da subsistência, mas ela própria não deriva de nada, é incondicionada. Para Heidegger é imprescindível compreender este arranjo histórico concernente à questão do Ser, para que compreendamos isso que constitui o pensamento no seu curso histórico e em termos modernos. Historicamente o pensamento, tendo como guia a subsistência, pensou o Ser do ente nos termos de um *em-si*. Essa ideia desencaminha a problemática do Mundo sobre o ente simplesmente porque não há ente *em-si*, o ente é sempre já uma ocorrência de sentido em um Mundo, é sempre já revestido de sentido (o próprio conceito de *em-si* é já uma ocorrência histórica do sentido). Da mesma forma que essa ideia desencaminha o problema do Ser do ente, também a evidência do eu desvia a problemática do *Dasein*. Não só o *Dasein* deixa de ser um problema ontológico como também onticamente tal problemática fica encoberta. A determinação do eu deve ser interpretada existencialmente —Heidegger o diz: se há uma «substância» no homem, ela é a (estrutura da) existência.

subsistência. Heidegger ensina que Kant luta contra esse assentimento da ideia de substancialidade da alma obtida através do conceito empírico de eu. Para Kant, o sujeito representante obtém uma autoconsciência de si no processo representativo dele. O sujeito não é aqui um conceito extraído de nenhuma via lógica, mas isso o que permite qualquer procedimento lógico. O eu é assim, o sujeito do comportamento lógico da ligação, ele é em si o *a priori*. Daí que o sujeito não seja uma representação, e seja tal somente quando se reflete sobre si mesmo. O sujeito é a forma possível para a representação sendo que ele tem a consciência de si no ato mesmo de ligar (cf. *Crítica da razão pura*, B 404). O Ser do eu é aqui ainda a realidade da *res cogitans*, é, ainda, uma substância, pois é uma anterioridade. Se Kant quer um eu ou sujeito fundado na ideia do «eu penso», da «pessoa prática», do «eu ligo» isto é, da dinâmica, ele não pode aceitar a determinação da substância (eu) *a priori*, porque ela não dá o caráter de fenômeno de ocorrência. «Há na análise de Kant dois lados positivos: de um lado ele vê a impossibilidade de reduzir onticamente o 'eu' a uma substância; de outro, ele não desiste do eu enquanto 'eu penso'» (1993: 329s). Para Heidegger, Kant tenta extrair uma determinação fenomenal do eu, mas acaba também caindo na ideia do «eu penso» como substância, porque mesmo aqui, como visto, o eu é uma anterioridade. Para Kant, o eu que é «eu penso» se liga às representações; mas se «eu penso» é diferente do puro «eu», então o «eu» é sempre já um pensar algo, e este algo tem que estar, por conseguinte, co-determinando este eu; se não o «eu» seria livre dessa condição de ser «eu penso». Se o «eu» não está livre disso, então esse algo é co-determinante dele.

Podemos perceber que a questão de saber se o modo do eu como subsistência abre o *Dasein* na sua cotidianidade e se enfim o abre, é uma questão eminente para Heidegger. A partir da perspectiva da subsistência o ente que nós mesmos somos fica indeterminado, seu horizonte ontológico fica no escuro exatamente porque este eu subsistente é só uma indicação formal não redutora de algo que, por isso mesmo, pode se revelar como seu contrário; ou seja, este *eu sou* como uma mera indicação formal não impede que isso que ele indica se revele como seu contrário, uma vez que ele mesmo é indeterminado no seu Ser. O *não-eu* é, para Heidegger, um modo do Ser do eu que é o modo da perda dele mesmo (que tem assim, sua compreensão, seu Ser apropriado ao Mundo, desapropriado de si portanto). Isto configura a perda da possibilidade do *Dasein* de se decidir a partir do seu próprio Ser. Seu pensamento, suas decisões não são, nestes termos, livres, são impessoais, isto é, são sempre já pré-determinadas pelo sentido da generalidade impessoal dada pelo imediato Mundo da lida.

É, portanto, a partir da estrutura *ser-no-mundo* que podemos compreender que não há um mero sujeito isolado dos outros e ele também nunca é dado sem Mundo. A ideia de sujeito enquanto *identidade* tem sua base na reiteração da compreensão de um eu puro, isolado —donde surge a ideia da coexistência entre subsistentes: a ideia de intersubjetividades. Mas o próprio sentido do *eu* já é uma ocorrência derivada de Mundo porque já é significação, já é desde a compreensão reiterada em uma lida. O coexistir não se dá, portanto, entre dados subsistentes, mas é um caráter da mundanidade do Mundo, isto é, do fazer-se linguagem da linguagem (sua fenomenalização), lembrando que Mundo de sentido é tão somente também um caráter do Ser do *Dasein* enquanto um fenômeno de compreensão:

Se o homem não tivesse esta compreensão do Ser no fundamento de sua essência, então ele não poderia nem se reportar às coisas; ele não poderia dizer 'eu' para si nem «você» para o outro. [Heidegger, 1993: 122]

Na medida em que a constituição do Ser do *Dasein* se dá a partir do Mundo (formada no seu *Ser-junto* e *Ser-com* próprio), do outro, e na medida em que o Mundo fático é sempre primariamente o Mundo público, o *Dasein* se determina, imediata e regularmente, a partir desse Mundo impessoal, geral, compreendendo seu Ser a partir desta generalidade, o que significa dizer que o *Dasein* não é, de partida, ele próprio no

sentido da apropriação do seu Mesmo, do seu Ser apropriado de si. O dado do *eu*, reiterado na lida a partir de um (si)mesmo-público-impessoal, não garante a *ipsiedade* do *Dasein* —embora ele diga «eu» sempre onticamente simplesmente pela verificação da reiteração do seu Mesmo (fundado na projeção sobre um sido, pois que *Dasein* é tempo), isto não está ainda qualificado como um Mesmo apropriado de si. Heidegger explica que o *eu*, que tão evidentemente o *Dasein* repete para si e para o outro, não é, imediata e regularmente, seu «si próprio», é precisamente o estranho: «Talvez o *Dasein* sempre diga: eu sou, e o faz também em alto e bom tom quando ele ‘não’ é» (*Idem*).

A base para o fenômeno da compreensão é o *poder-ser* determinante, isto é, é a necessidade do *Dasein* de ter que ser enquanto o Mundo de sentido em que emerge. E todo utensílio só vem à luz por conta dessa determinação existencial, não há nada na natureza que seja transformado que não emerga originariamente no interior dessa estrutura referencial em vista das necessidades de uma lida, interior a um Mundo histórico de sentido. Todavia, na lida com o outro *Dasein* não há a mesma formação do sentido que há na lida com o utensílio, determinado em seu Ser como utensilidade e serventia. O coexistir está na base da lida, mas o coexistir ele mesmo não tem a forma do manuseio, da utensilidade ou da subsistência; ele é da ordem da assistência [*Fürsorge*]. A lida tem o coexistir na sua base estrutural, mas o coexistir extrapola a ocupação com o ente. Ao afirmar que o existir (*Dasein*) é o ente que em seu Ser marcha para este próprio Ser, Heidegger nos ensina que o existir é um ente que está sempre *em vias de...* para o seu próprio Ser, portanto nunca um Ser dado, subsistente; seu Ser é constantemente o que está aí para ser, por ser conquistado própria ou impropriamente. O *Dasein* é por isso, o ente determinado pelo puro *poder-ser*. A esta marcha pertence o estrutural *Ser-com* com o outro; o *Dasein* não marcha como um subsistente sozinho, isolado, encapsulado em si, porque o existir é sempre já em si mesmo, coexistir, ele nunca é primeiro algo que depois de ser, coexiste —o *Dasein* é constituído em seu Ser singular pela coexistência.

§ 2. A questão da alteridade

Acerca da constituição de Mundo a partir do coexistir, da *mundanização* da linguagem a partir da própria lida circunscrita, Heidegger então começa a mostrar

como se dá a estrutura compreensiva singular do *Dasein*, deste seu Mesmo reiterado, a partir do coexistir, o qual se *fenomenaliza* e se instaura através da lida. Já sempre o ente compreensivo está em um Mundo estruturado pela lida, pelo trabalho, pela preparação para realização. Foi visto que quando um utensílio é feito, fabricado *para*, ele é, de partida, feito *para* uma compreensão que se faz desde uma necessidade da lida imediata. Também o material usado já se encontra mediado pela assistência, pela serventia, pela necessidade. Isto quer dizer que o existir (coexistir) está estruturalmente em todo utensílio enquanto aquilo que trata. Um bote, por exemplo, não está aí porque ele é um ente *em si* a partir de si, mas o que aparece neste ente tacitamente é Mundo, coexistir e outro. Não há bote sem Mundo, isto é, não há bote sem referência ao existir. Já uma árvore na floresta, pura e simplesmente lá, em contrapartida, subsiste *de certa forma* porque ela não está por referência a um *para*, a uma serventia, posto que na natureza por si só não se pode dizer que está a indicação. É só por respeito às necessidades da lida que se encontra essa remissão, onde se pode encontrar a natureza como fonte da lida².

O *Dasein* toma assim a natureza como fonte já para uma lida, isto é, já como matéria de transformação, o que determina que a natureza não seja mais de certa forma um subsistente aí. No mais imediato da compreensão, na lida imediata, a madeira é *para isso* e *para aquilo*, para fabricar este ou aquele utensílio e só posteriormente é que, reflexivamente, pensa-se sobre o utensílio como um subsistente aí. Que esta estrutura fundamental de possibilidade não esteja aparente em nada, mas esteja permeando e possibilitando tudo, não nega a ela sua aparição tematizada a partir de uma reflexão mais rigorosa, como a faz Heidegger. Todavia, à primeira vista, ocorre uma inversão

² É importante notar, contudo, que a lida enquanto esta tácita estruturação fundante da possibilidade do *poder-ser*, é também, de certa forma, o primeiro fato de desvio do Ser, é a primeira fonte de ocultação. Embora seja a lida o que permite pré-ontologicamente o descobrir do ente no seu caráter de serventia, aplicabilidade e periculosidade, ela toma tudo pré-ontologicamente como utensílio ou como recurso para utensílio (natureza), e isto faz com que esta forma da lida, a mais elementar, encubra de certo modo o próprio Ser na totalidade da sua amplitude problemática. O esforço para transcender esse limite imediato em que o Mundo se abre é precisamente o que esta filosofia intenta. (Mas sempre partindo do fenômeno originário da lida). A forma da utensilidade apesar de ser a descoberta fática do ente a mais originária, deve poder ser transcendida para que se possa obter uma compreensão mais ampla do Ser do ente. O *Dasein* começa a se compreender pelo Mundo através do ente da lida, e isto quer dizer que a perspectivação desta compreensão é primeiramente limitada àquilo que concerne somente às nossas necessidades. Ou seja, não é porque o Ser do ente se oferece mais originariamente enquanto um *para-que*, que as coisas sejam apenas utilidades.

na compreensão. O *Dasein*, regularmente, ao pensar o ente *à-mão* enquanto um subsistente «em si» encontrado, uma *coisa em si*, começa a pensar que este outro manifesto no utensílio, o fabricante, assim como o material, são a partir do ente *à-mão*. Entretanto, se não houver anteriormente um Mundo solicitando tal utensílio para a necessidade de uma lida, ele não apareceria nem enquanto tal no seu Ser, ou seja, na sua serventia, e nem (*a posteriori*) como um subsistente a partir do qual se possa «apresentar» o outro. A estrutura de mundanização do coexistir, isto é, do plexo de indicações de uma lida, é o que permite que isso ou aquilo apareça como uma coisa subsistente ou não, lembrando que o ente só aparece subsistente em caráter derivado, quando há somente uma lida teórica com ele.

A reiteração da lida é, nestes termos, sempre um «por motivo do outro», pois sendo o *Dasein* «em-si» coexistir, não tendo este ente qualquer prioridade subsistente anterior a este *Ser-junto* e *Ser-com* enquanto seu próprio Ser, ele é «por motivo do outro» que é, em verdade e conseqüentemente, um «por motivo de si mesmo» —daqui, somente, é que o *Dasein* tem a possibilidade de se perder ou de se apropriar. O *Dasein* pode se perder porque na medida em que ele tem que ser fático sua própria estrutura existencial, isto é, ser *por motivo do outro* enquanto um ser *por motivo do seu Mesmo*, ele pode se alienar ao outro (e é assim que ele já sempre está de partida, porque Mundo constitui seu Ser). Assim alienado, o que determina o seu Ser é a generalidade da compreensão impessoal que dita os padrões nos quais o *Dasein* sempre já emerge, corrobora e reproduz. Isto se comprova sendo e se possibilita tão somente porque o existir é «em-si» coexistir e sua compreensão concerne ao *Ser-com* e *Ser-junto*, o que se verifica explicitamente na medida em que mesmo na desconsideração do outro, o *Dasein* é-*aí-com*; o *Dasein* é sempre, irremediavelmente, *já-sendo-em-um-Mundo-enquanto Ser-junto ao ente intramundano encontrado*. Isto mostra precisamente o *outro* como o formador da estrutura singular *Dasein*.

O *Dasein* sempre já encontra as coisas e o outro a partir de um Mundo no qual estas coisas são *à-mão* para ele e para os outros —e é precisamente no *à-mão* intramundano que primordialmente o outro aparece. Heidegger esclarece que a estrutura *outrem* aparece primeiramente no «ter-a-fazer-com» o ente intramundano. Como no exemplo acima, o bote aparece à visão e mesmo que não seja para meu uso, ele aparece originariamente (pré-tematicamente) enquanto um utensílio *à-mão* para alguém, no

interior de um Mundo desde o qual reconheço o bote porque reconheço tacitamente a utilidade dele tanto para o outro como para mim. É na utilidade do bote (ou seja, no seu Ser próprio), que o outro aparece enquanto o *quem* dessa utilidade e o bote enquanto o que da mesma: «O outro faz encontro no seu coexistir no Mundo» (Heidegger, 1993: 113), o que só pode ocorrer porque o *Dasein* é estruturalmente coexistente.

Os outros assim encontrados no plexo de utensílios intramundano do *à-mão* não são pensados numa coisa imediatamente subsistente, antes estas 'coisas' são encontradas a partir do Mundo, no qual elas são *à-mão* para os outros, Mundo que de antemão já é sempre meu. [Heidegger, 1993: 111]

Se o *Dasein* já não tivesse originariamente esse parentesco com o outro nos termos de Mundo, ele não poderia compreender o bote enquanto um ente *à-mão*, ou que o bote simplesmente é isto que ele é. O coexistir é, nestes termos, intramundano significado e mediado pela lida, porque o ente intramundano entra na mediação da intramundaneidade coexistente, o que significa dizer que só há coexistência intramundana porque esta coexistência repousa na lida e na intramundaneidade do ente.

Para Heidegger, o *Dasein* só se encontra com os outros ao redor dos utensílios e das tarefas do mundo, de modo que a co-existência ontológica não chega a ser uma verdadeira relação intersubjetiva ou de alteridade interpessoal. [Löwith, 1981: 72]

É, portanto, na lida com o ente intramundano que emergem as estruturas *eu*, *Mesmo* e *outro*. Heidegger começou a estreitar a definição do que é encontrado no Mundo circunscrito reduzindo-a primeiramente ao utensílio *à-mão*, porque trata-se primeiro de compreender o Ser do utensílio para que se compreenda que o que é essencialmente encontrado no utensílio é o outro *Dasein*. Isto difere o *Dasein* do outro *Dasein* que ele se reporta no sentido de que ocupado com o fabrico de um ente *à-mão*, ele está ocupado, em essência, com o *outro Dasein*, ou seja, ele está em assistência. Consequentemente, é a partir da compreensão do Ser do utensílio que podemos compreender mais originariamente como o outro aparece. A pergunta que surge em seguida é: e como se dá então, propriamente, essa «passagem» de um *Dasein* para o

outro? Se não se dá uma «passagem» entre subsistentes, então como se dá ontologicamente essa apreensão do fato do outro *Dasein*?

Heidegger mostrou anteriormente que a estrutura outrem não tem nem a forma do Ser do utensílio nem da subsistência; o outro também é ele próprio um existir, ele próprio o *Ser-junto* e o *Ser-com* co-constitutivo do existir porque o outro «se atualiza» nesta constituição do Ser enquanto cura (ocupação e assistência). A primeira exemplificação que Heidegger deu, ao mostrar que a estrutura *outrem* aparece em todas as coisas interiores a Mundo, mostra uma pluralidade de outros no ente da lida do qual o *Dasein* se utiliza, o que já mostra como o coexistir é essencialmente estrutural. (Estrutural quer dizer aqui: isto que é tácito, invisível, necessário e constitutivo). Se não houvesse uma diversidade de outros implícitos no ente da lida, não haveria possibilidade nem do *Dasein* existir, nem de morar, nem de sentar, ou mesmo de beber água no copo como só este ente faz. Só há uma existência «prática», porque ela é tem sua gênese na forma da estrutura coexistente (assistente) do Ser singular do *Dasein* —o que não tem nada do caso de relações humanas subsistentes-intersubjetivas que podem ser entabuladas ou não. Mesmo numa ilha deserta, o *Dasein* pode imediatamente perceber o quanto seu Ser é integralmente coexistência e determinado pelo outro justamente pela falta do outro, pela falta do utensílio e de toda e qualquer familiaridade com o trabalho, isto é, com a forma da lida sempre já circunscrita. E mesmo que ele possa produzir utensílios sozinho aí, isso somente aponta para o outro porque aponta para o aprendizado. Onde o outro falta, ele aparece como falta; onde o outro fica tácito, ele aparece na sua *inaparência* junto ao ente intramundano (como no exemplo do bote); e onde o outro aparece abundantemente, ele entra deturpado em subsistência, porque regularmente o *Dasein* apropriado pelo Mundo de sentido impessoal, o supõe e se supõe como subsistente.

Por conseguinte, Heidegger determina que há de se fazer um esforço (transcendência) para se compreender que o outro não é um subsistente, e que a referência estrutural (originária) ao outro não é a referência a um subsistente, mas ao próprio existir dele. Isto tanto se justifica que já sempre o *Dasein* se reporta ao outro estruturalmente como um problema existencial: imediata e originariamente à compreensão, ou o outro aparece atrapalhando, ou ajudando, ou enojando, ou inspirando, ou servindo, ou negligenciando... Isso quer dizer precisamente que só me

reporto ao outro estruturalmente (essencialmente) como um problema de existência, como um possível, e isso de modo tácito e inequívoco. Quando, portanto, o *Dasein* se reporta ao outro *a posteriori* (tematicamente) através da perspectiva da subsistência, já se reporta em um modo incompreensivo do lugar próprio da alteridade. Passamos todos os dias por milhares de pessoas e temos reflexiva e regularmente, a ideia de que passamos por coisas subsistentes; mas este é exatamente o aspecto errôneo do fenômeno (concernente ao momento da *queda* enquanto o decair da linguagem impessoal), pelo simples fato de que uma subsistência não pode ser um problema em ocorrência —ela é sempre já um dado encerrado. Ao contrário, o que se verifica é que ao passar por outros, estes geram, como visto acima, satisfação ou insatisfação, apreciação ou desprezo, descaso ou importância. Consequentemente, o ente fenomenalmente compreensivo de suas possibilidades (ainda que não tenha isto pensado tematicamente) passa não por coisas subsistentes, mas por «*sendos*», isto é, por possibilidades em curso. Todo esse referenciamento de sentido existencial, de possível, é o que abre estruturalmente a compreensão do outro a mais originária, uma vez que, o que originariamente orienta o reportar-se do *Dasein* ao outro é a sua estrutura enquanto a possibilidade desse próprio existir em curso.

Heidegger mostra com essa verificação fática do existir em desdobramento, que o *Dasein* se determina, por conseguinte, por um *ser-aí-com*: «Este ente não é nem subsistente nem *à-mão*, antes é *assim como* o *Dasein* liberador ele mesmo – ele é *aí também com*» (Heidegger, 1993: 118). Nestes termos, o outro é o mesmo que eu enquanto estrutura compreensiva, isto é, enquanto tendo que ser no Mundo sob as mesmas condições: sob a determinação da cura, da ocupação, em constante projeção para suas possibilidades (lançado), em queda (ocupado) junto ao ente. O outro é o mesmo que eu porque ele tem a mesma forma do Ser, isto é, a mesma estrutura de possibilidade; e porque esta estrutura é precisamente a estruturação *de e para* um *poder-ser*, de e para um possível, o outro não sou eu desde um conteúdo geral categorial como um igual subsistente —não há, para esta filosofia, igualdade ou identidade de «conteúdos» fáticos determinados (categorias) ou de subsistências.

Um tal conceito de identidade pode se manifestar (como se deu historicamente), por exemplo, à compreensão do Ser do cavalo que, enquanto um ente subsistente, pode se manifestar à compreensão desde uma estrutura subsistente ideal (*παράδειγμα*

[*paradeigma*]) que comporte em si a compreensão de todo e qualquer cavalo singular – compreensão esta que, através das categorias, pode se manifestar nas configurações de gênero e espécie enquanto um «universal» (lembrando que este modo de orientação das estruturas ontológicas tem um caráter tão somente histórico-circunscrito), uma vez que à compreensão, cavalo é (subsistente). Contrariamente a esta estruturação do Ser, o *Dasein* não é um subsistente: ele é da mesma estrutura do outro apenas como existência determinada pela cura, isto é, apenas como estrutura determinada pela possibilidade enquanto possibilidade. Não há para o *Dasein* qualquer «conteúdo» fático categorial determinado, uma regra geral ôntica de ser para todo *Dasein* singular, como pode haver para o ente que não tem a forma do Ser do *Dasein*, e que pode ser compreendido através da perspectiva subsistente. O outro *Dasein* também se determina pelo *Ser-junto* e *Ser-com* do seu *poder-ser* em lida, ocupado e em assistência. A estrutura constitutiva do outro é exatamente a mesma que a minha enquanto esta estrutura de pura possibilidade: não há existir que não seja em si mesmo coexistir. Contudo, vale lembrar que o outro sendo somente também esta configuração estrutural, não quer dizer que não haja lugar para a singularidade na estrutura: embora cada existir seja coexistir, embora cada um seja *ser-no-mundo*, cada existir enquanto possibilidade é essa destinação³ singularizada. Cada um é no Mundo própria ou impropriamente (e historicamente) um Mesmo, própria ou impropriamente a reiteração da sua marcha na compreensão, no sentido.

179

eikasía
N.º 139
Sept.-oct.
2026

§ 3. Considerações finais

Nestes termos o coexistir é, portanto, uma determinação do Ser singular do *Dasein* determinado inteiramente a partir da lida, sobre a base da qual o outro aparece. Vimos que o *Dasein* encontra o outro com os elementos do existir e não do subsistir, porque sempre encontra o outro já com uma indicação significativa: «Eles fazem encontro desde Mundo, no qual o *Dasein* ocupado-circunscrito se detém essencialmente» (Heidegger, 1993: 118). O *Dasein* se movimenta nessa compreensão tácita, imediata e

³ Destinação quer dizer aqui: a estrutura é, a cada vez, a estrutura de possibilitação desde o possível para ele mesmo enquanto a marcha da compreensão (do Ser) em vista de si mesma: «a saga” do *Dasein*».

não desdobrada (fenomenal), porém, ela é imediatamente fechada para ser substituída pela ideia de subsistência:

Frente aos «esclarecimentos» teoricamente imaginados do ser-subsistente dos outros, que facilmente se impõem, há que se ater aos fatos [*Tatbestand*] fenomenais do seu Mundo-circunscrito fazer-se encontrar. [...]. O *Dasein* se encontra a «si mesmo» imediatamente nisto que ele trata, emprega, espera, evita – no à-mão circmundano [*umweltlich*] ocupado. [*Ibidem*: 119]

Tanto a ocupação com o ente como a assistência ao outro, constituem a estrutura própria do *ser-no-mundo* singular e não são, portanto, nenhuma contingência, categoria ou predicado de um ente subsistente.

Podemos então concluir que para esta filosofia, o solo fenomenal para a compreensão do outro é o fato de que o *Dasein* só pode compreendê-lo porque ele (tanto o ente quanto o outro *Dasein*) está na sua estrutura fundante. Heidegger então, começa a colocar as bases fenomenológicas do desdobramento (ontológico-existenciário) fático-cadente da estrutura ontológico-existencial da cura, o qual se dá a partir da imediata queda do *Dasein* abismado sobre o ente intramundano, no Mundo da lida, enquanto o imediato impessoal [das Man] —o qual é desdobrado pormenorizadamente no parágrafo 27 de *Ser e tempo*.

Bibliografia

- Heidegger, Martin (1997), *El Ser y el tiempo* (José Gaos, trad.). México, Fondo de Cultura Económica.
- Heidegger, Martin (1993), *Sein und Zeit*, 17.a Aufl. Tübingen, Max Niemeyer Verlag GnbH e Co.
- Heidegger, Martin (1982), *The metaphysical foundations of logic* (Michael Heim, trad.). Bloomington/Indianapolis, Indiana University Press.
- Kant, Immanuel (2001), *Crítica da razão pura* (Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, trads.), 5.ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Löwith, Karl (1981), *Das Individuum in der Rolle des mitmenschen*. Stuttgart, J. B. Metzler.
- Ricoeur, Paul (1991), *O Si-Mesmo como um Outro* (Lucy Moreira, trad.). Campinas, Papirus.
- Sadler, Ted (1996), *Heidegger and Aristotle: the question of Being*. London, The Athlone Press.
- Segura, Carmen (2002), *Hermeneutica de la vida humana: em torno al informe Nartop de Martin Heidegger*. Madrid, Trotta.
- Volpi, Franco (2012), *Heidegger y Aristóteles*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.